

# Comércio cresce à margem da invasão

*Lojas de material de construção faturam com a venda de tábuas de madeirite e lonas pretas para novos moradores de Samambaia*

Cristina Ávila  
Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

Adolfo Vieira Melo é o dono da Vila Roriz. Mora há 39 anos em Brasília, desde os 6. A chance que teve na vida, agarrou com as duas mãos. Montou uma casa de material de construção e conseguiu crescer, vendendo para o assentamento que era embrião de Samambaia. Depois o lugar virou cidade e os planos econômicos atrapalharam os negócios. Agora, com a eleição do governador Joaquim Roriz as esperanças dele renovam-se.

Vila Roriz é o nome da loja de Adolfo, na QR 421. "O comércio tá fraco, não é como naquele tempo. Na semana passada, vendi 50 ou 60 folhas de madeirite, 2,20 metros por 1,10. Geralmente vendo 10 ou 15, às vezes nenhuma", diz. Mas a vizinhança que se forma em Samambaia mexe com os comerciantes. "Não sei se estas invasões vão pra frente, não sei se o governo não vai mandar arrancar. Eu votei no governador, sim. Com a esperança das coisas mudarem."

As invasões vão formando-se assim. Com tábuas encontradas no lixo, doações de parentes, pedaços de lona preta pra completar os telhados. No Recanto das Emas, os casebres são erguidos às pressas. Dia e noite circulam carroças, kombis e caminhões entregando compras pelas ruas enlameadas. Madeirite é material nobre para a construção de barracos. Em outras construções, é madeira descartável que serve para segurar o cimento úmido e fazer tapumes.

Apesar de pobres, os invasores dão impulso ao comércio. "Sábado fui em uma loja e o preço da madeirite estava R\$ 6,30. Deixei pra comprar na segunda-feira e acabei comprando por R\$ 6,80", conta Edson Almeida, 24 anos, invasor da quadra 519, de Samambaia. "Tava todo mundo doido comprando, as lojas aumentaram os preços", diz ele.

Mas Zilmar Matos afirma que o forte de sua loja é a lona plástica preta. "Desde que eles chegaram na 519, há menos de um mês, estou vendendo mais de 200 metros de

lona por semana." O número de barracos da quadra triplicou há uma semana. A madeirite tomou conta. "Vendi 50 folhas ontem", diz a dona da loja Boa Vista, na QR 317. "As vendas estão começando a melhorar."

Vale a pena arriscar. A esperança de Luiz Carlos, 36 anos, é ficar na quadra. Ele montou seu barraco com R\$ 52,00 de madeirite, R\$ 10,00 de telhas, R\$ 4,00 de pregos e R\$ 8,00 de frete. Ganhou a porta, os caibros e algumas telhas. E construiu o casebre colado ao do vizinho, Eriberto Santana, 29. "Pra ficar mais barato. Assim a gente gasta quatro caibros e quatro folhas de

madeirite menos", calcula Eriberto.

A Madeireira Unidas foi inaugurada há apenas três meses e é especialista em *kit* invasão. A loja, na quadra 605 do Recanto das Emas, faz a festa. O estoque está pronto para atender ao freguês. Madeirite, estacas, telhas de amianto, pregos e sarrafos. "Aprendi a vender o que

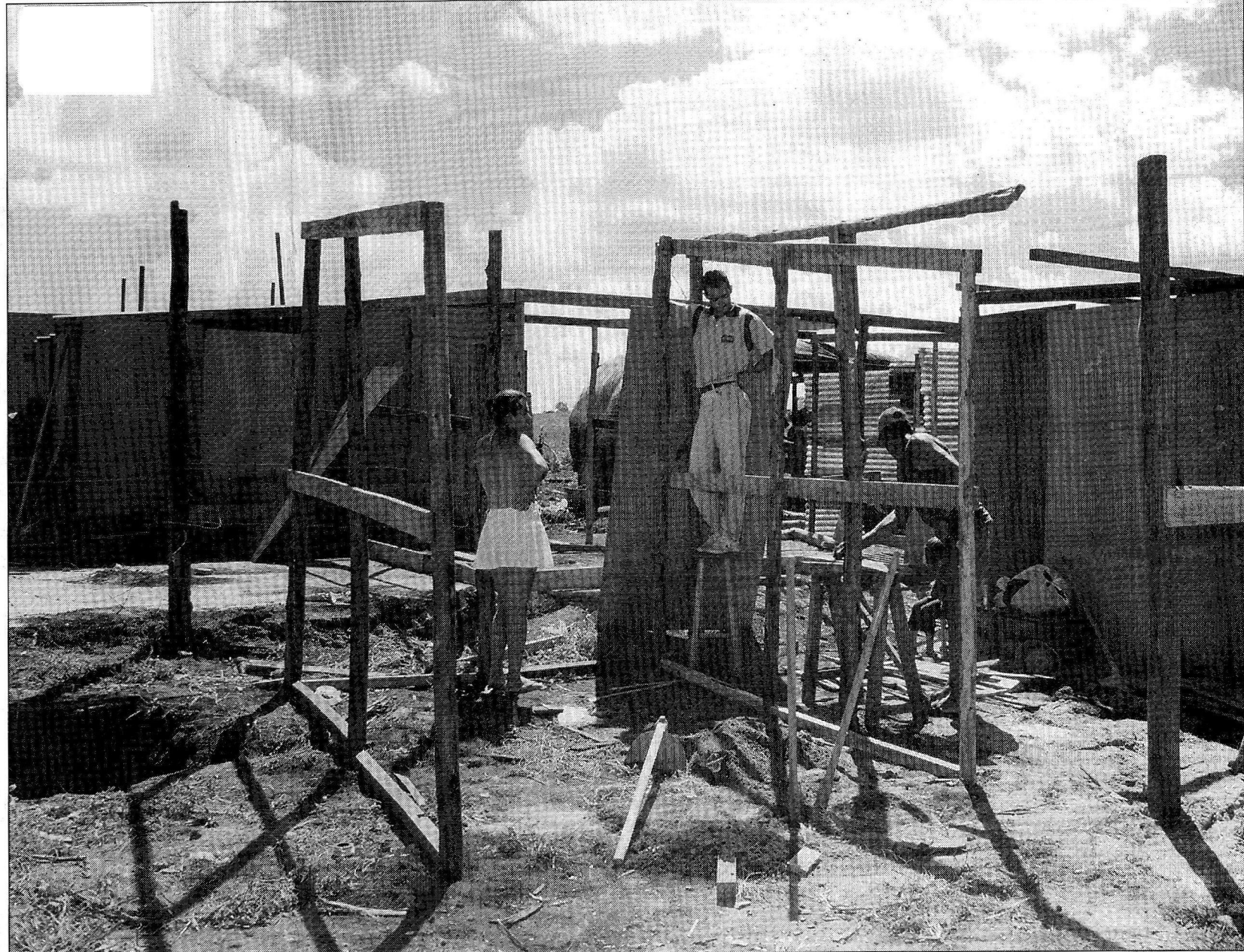
precisa para fazer um barraco na invasão", diz a vendedora Marta Maria Machado.

Na loja, o *kit* mais simples custa R\$ 154,00 à vista. Dá pra fazer um barraco de 3,30 metros quadrados. Mas procurando, é possível encontrar mais barato. A Maior — Materiais para Construção tem preço melhor. Um kit básico sai por R\$ 135,00. Segundo o dono da loja, Neutro Domingues, bastam nove folhas de madeirite, 14 telhas, dois quilos de prego, caibros e sarrafos para fazer um barraco.

Domingues não tem o que reclamar das invasões. "De uns tempos pra cá, deu pra vender muita madeirite. Antes, na época do governo Cristovam não deixavam essa invasão não. O pessoal não construía", observa. Na manhã de ontem o estoque da sua loja precisou ser reposto. Comprou mais 200 folhas de madeirite.

"Geralmente compram à vista", conta Domingues. "Ou pagam com o cheque do patrão." Ele evita vender a prazo, quando muito, em duas vezes, para evitar calotes. Outras lojas dividem o pagamento do material de construção até com carnês de mensalidade.

Fotos: Raimundo Paccó



Novos barracos são construídos todos dia no Recanto das Emas, movimentando o comércio de material de construção e desafiando os fiscais da Administração



O barraco de Carina Azevedo não foi numerado porque estava sem móveis

## Barracos são numerados

A Administração Regional do Recanto das Emas quer frear a construção de novos barracos. Uma equipe de fiscais começou ontem o levantamento socioeconômico das famílias. Invasores que estavam começando ou quase concluindo os casebres de madeirite não tiveram os barracos numerados.

"Não quer dizer que todos que estão sendo marcados serão contemplados na política habitacional do governo. Pode ser que apenas 20% dessas famílias sejam atendidas. Todos terão que provar com documentos que estão há mais de cinco anos em Brasília", disse o administrador Rubens Tavares, que também ajudou os fiscais ontem de manhã.

Os relatórios serão enviados depois para a Secretaria de Habitação. Mas a entrega de lotes está suspensa por 60 dias. Inclusive para quem já tem inscrição no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab). "Vamos reavaliar os critérios primeiro", explica a secretária Ivelise Longhi.

O primeiro barraco numerado da quadra 605 do Recanto das Emas foi do baiano José Felix da Silva, de 35

anos. Começou a construí-lo na segunda-feira. Ontem, só faltava colocar as telhas. E chegarem os móveis. "Morava de favor num barraco lá em Samambaia, no Setor de Mansões. Sou o caseiro", conta o baiano que nasceu em Tapicuru e diz estar há cinco anos no Distrito Federal. "A vantagem de morar aqui é que será só meu", explica.

Vizinho dele, Karina de Azevedo, de 19 anos, não teve a mesma sorte. O seu barraco já estava pronto, com as telhas colocadas, mas os fiscais não quiseram numerá-lo. A justificativa é de que não havia móveis, apesar de Karina mostrar a rede onde ela, o marido Damião Sabino e a filha Tássia Carolina, dormiram na noite anterior.

"Ficamos sabemos dessa invasão aqui pela tevê. A gente morava de favor e ainda fomos expulsos", conta Karina. Menos de 15 minutos após os fiscais deixarem o seu barraco, chega a mudança na carroceria de uma camionete Ford Rural, 1979. Inconformada, ela corre atrás do administrador para pedir que ele reavaliasse a sua situação. "Agora posso provar que vou morar aqui", diz, esperançosa.